

A ADAPTAÇÃO DO JORNALISMO POLÍTICO À TRANSITORIEDADE DAS REDES SOCIAIS¹²

Petronilio Ferreira³
Universidade Federal Fluminense – UFF

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo debater sobre como o Jornalismo Político está se adaptando ao *Zeitgeist* contemporâneo, modificando formas e sentidos de transmissão da informação. Para esta análise realizaremos uma revisão bibliográfica sobre o tema, remontando conceitos como jornalismo transitório, mídia e comunicação política. Por fim, compreendemos que a contemporaneidade e as novas *media* estão alterando a forma de fazer jornalismo no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE

Webjornalismo; Jornalismo político, Jornalismo Transitório, *Zeitgeist*, Stories.

1. OS *MEDIA* NA SOCIEDADE PÓS-MODERNA

Como destaca Rubim (1999), o aumento da importância da mídia na sociedade moderna é resultado da crescente relevância do ambiente comunicacional para os espaços socioeconômicos e culturais. Nesse novo posto, os *media* tendem a rearranjar o poder a partir de mobilizações de materiais simbólicos, processo que tem avançado desde as revoluções burguesas do século XVIII.

Foi durante esse período que a burguesia passou a perceber a importância do capital social e político do jornalismo, manipulando-o. Aos poucos, o espaço público se tornou “espaço do público”, um público específico, detentor do capital simbólico distinto. Cabe lembrar o que Weffort (1984) diz: “Jornais são empresas e, portanto, posições de classe. Posições que, às vezes, se veem ameaçadas e que se defendem como podem”.

O processo de produção da notícia se torna um ambiente de confronto e união de interesses e opiniões. Como destaca Barreto (2006), os enunciados servem como forma

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do 26º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 1º a 3 de junho de 2023.

² Esse texto é parte da dissertação de mestrado “A terceira via à moda casa: a cobertura do Drops/Estação nas eleições de 2022”.

³ Doutorando do PPGCOM/UFF. M.e Jornalista, Esp. em Ciências Políticas. E-mail: petronilio.fcf@gmail.com

de contextualização, em um jogo de poder constante, tornando a política personalizada. É a partir da construção de personagens que a mídia promove narrativas sobre os candidatos, formando a opinião pública durante do processo eleitoral.

Para Miguel e Biroli (2010), os *media* têm um papel importante na sociedade ao substituir esquemas políticos tradicionais, reduzindo o papel de partidos. Nessa nova realidade, percebe-se uma adaptação do meio político a partir da profissionalização da referida relação. Com objetivo de conquistar maior destaque, há um ajustamento dessas práticas à centralidade da agenda pública. No Brasil, as pesquisas de Lima (2004, 2006) apontam para uma centralidade importante desse ator, permitindo a formação de uma política nacional num território continental.

A mídia brasileira assume funções tradicionais dos partidos políticos, alterando e influenciando campanhas, processo que acontece de maneira lenta e gradual. Aliado a isso, a baixa escolaridade facilitou uma expansão do uso da imagem como forma de transmissão da notícia. “Consolidou-se entre nós um sistema de comunicação concentrado, liderado pela televisão e, em boa parte, controlado por grupos familiares vinculados às elites políticas regionais e locais” (LIMA, 2006, p. 61).

Para Miguel (2019), a popularização das novas tecnologias tem subvertido essa relação de poder. O barateamento da produção de computadores, e posteriormente, popularização dos dispositivos móveis, facilitou uma explosão de informação na sociedade. Aliado a isso, as RSD permitiram o rápido compartilhamento e replicabilização de dados nos últimos vinte anos, num processo que tem impactado diretamente a manutenção do jornalismo como gestor da opinião pública. Castells (2021) aponta que a atuação mais pessoal do público tem enfraquecido os emissores tradicionais que tendem a se adaptar à nova realidade.

2. JORNALISMO TRANSITÓRIO DIANTE A PÓS-MODERNIDADE

Esse novo estilo de jornalismo é uma adaptação às transformações impostas pelo tempo moderno. Como destaca Han (2011), estamos em uma nova era, na qual a sociedade niilista é ativa e criada para o desempenho máximo. A transitoriedade do mundo retira o sentido da longa duração, nos transformando em uma sociedade extremamente cansada, que necessita do novo para suprir as necessidades pessoais.

Mesmo com tantas adaptações estruturadas por lógicas de niilismo, percebemos que a produção nesses espaços conserva as características basilares definidas por Groth (2011): periodicidade, atualidade, universalidade e publicidade.

Percebemos que a convergência das mídias tem um papel importante nesse processo. A possibilidade do uso de ferramentas “externas” em um texto permite que o leitor fique preso o maior tempo possível, mobilizando emoções, otimizando e facilitando o resgate de dados. Assim, a Internet assume a proeminência do império do audiovisual que a TV conquistou no século passado. As novas adaptações tecnológicas possibilitam que o leitor construa um sentimento de pertencimento à notícia. Essas novas produções devem cativar o leitor pelos sentidos e emoções.

Como lembrado por Assis (2021) e complementado por Ferreira e Bomfim (2022), o jornalismo transitório é baseado em abstração linguística. Tal produção se constitui em uma narrativa icônico-verbal, com uma gramática particular. O tempo, o enquadramento, as imagens, os *emojis*, *memes*, *gif* são importantes para compreender o discurso mobilizado nesses espaços.

A transitoriedade torna-se uma adaptação importante para o futuro do jornalismo moderno nas redes sociais digitais. Como destacam Ferreira, Rocha e Schoenherr (2022), a amplitude da concorrência obriga o jornalismo a prender o leitor às publicações. Para isso, mexe-se com o emocional a partir da criação de *storytellings* que conquistam o público. Aliado a isso, esses ambientes favorecem a espetacularização da mídia.

Debord (2003) define o espetáculo como algo grandioso, positivo e inacessível. A profusão de imagens do espetáculo busca conquistar o leitor no fluxo constante de informação imposto pelas sociedades modernas. Quanto mais tempo ele contempla, mais se perde naquele mar de ilusões. A dramaticidade favorece a construção de narrativas centradas em uma luta dual entre o certo e o errado. Para Gomes (2004), o jornalismo se converte em um campo de batalha perigoso para a democracia, afetando diretamente as regras do jogo.

3.CONCLUSÃO

Podemos concluir que as formas de produzir, consumir e transmitir o jornalismo político são entrelaçadas ao *Zeitgeist* contemporâneo. A maior parte dessas informações se baseia na espetacularização do processo político, momentos que são reforçados pela iconicidade verbal e a convergência própria desses espaços. Mesmo com essas mudanças, a atuação do jornalismo tradicional, em perspectiva sistêmica, continua a mesma, perpetuando a defesa dos grupos que os detêm.

Na segunda década do século XXI, ter uma emissora de televisão já não basta ao “*ser*” político. Aos poucos, o capital sociopolítico, arregimentado no âmbito das redes sociais digitais, tem se tornado relevante para o cenário eleitoral. Modificações que também afetam o jornalismo tradicional, que se vê obrigado a buscar novos consumidores nas distintas plataformas, adaptando a linguagem a cada atualização tecnológica.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Ingrid. Jornalismo Autodestrutivo, no Snapchat e Stories do Instagram, e o consumo de informação na Pós-Modernidade. Más sobre Periodismo y Derechos Humanos Emergentes (pp. 221-234). Sevilla: idUs, 2020 Disponível em: <[https://idus.us.es/bitstream/handle/11441/97255/Cap%*c3*%adtulo%2016.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://idus.us.es/bitstream/handle/11441/97255/Cap%c3%adtulo%2016.pdf?sequence=1&isAllowed=y)>. Acessado em: 30 de jun. 2021.

BARRETO, Emanuel. Jornalismo e política: a construção do poder. Revista Estudos em Jornalismo e Mídia, vol. 3, nº 1, jan-jul 2006, p. 11-22. Disponível em:<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2238>>. Acesso em 20 abr. 2022.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. (e-book). Contracampo, 2003.

FERREIRA, Petronilio; BOMFIM, Ivan. “De cringe a cool”: categorização do jornalismo no Instagram Stories a partir do Drops/Estadão. Cambiassu, v. 17, n. 30, jul-dez. 2022. Disponível em: <https://periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/cambiassu/article/view/19916>. Acesso em 05 jan. 2022.

FERREIRA, Petronilio; ROCHA, Paula M.; SCHOENHERR, Rafael. O Maranhão pelo jornalismo efêmero dos stories: a construção de territórios em O Imparcial, Imirante e Imperatriz Online. Mídia e Cotidiano, v. 16, nº 1, jan.-abr. 2022. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/52160>. Acesso em 05 jan. 2023.

GROTH, Otto. O poder cultural desconhecido. Fundamentos da Ciência dos Jornais. Tradução de Liriam Sponholz. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 141-320.

HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

LIMA, Venício A. *Mídia: Crise política e poder no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

LIMA, Venício A. Sete teses sobre mídia e política no Brasil. *Revista USP*, São Paulo, nº 61, p. 48-57. mar./mai. 2004. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13317>>. Acesso em 20 abr. 2022.

MIGUEL, Luís F. Jornalismo, polarização e querela das fake news. *Estudos em jornalismo e Mídia*, v. 16, n. 2, jul.-dez. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/1984-6924.2019v16n2p46>. Acesso em 09 jan 2023.

MIGUEL, Luís F.; BIROLI, Flávia. Comunicação e política: um campo de estudos e seus desdobramentos no Brasil. In: MIGUEL, Luís F.; BIROLI, Flávia (orgs.). *Mídia, representação e democracia*. São Paulo: HUCITEC, 2010.

RUBIM, Antonio A. C. *Mídia e política no Brasil*. João Pessoa: UFPB, 1999.

WEFFORT, Francisco. Jornais são partidos?. *Lua Nova - Revista de Cultura e Política* [online]. 1984, v. 1, n. 2, pp. 37-40. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-64451984000200008>>. Epub. 31 Jan 2011. ISSN 1807-0175. <<https://doi.org/10.1590/S0102-64451984000200008>>. Acesso em: 25 fev. 2022.